



ENFERMAGEM do futuro

Por João Marinho

A enfermagem pediátrica e o fascinante trabalho de cuidar das crianças

Qual o papel da enfermagem entre as profissões da área de saúde?

Atualmente, como muitas outras ciências, a enfermagem divide-se em especialidades, que procuram atender às demandas de saúde cada vez mais complexas de nossa sociedade.

A dimensão do trabalho, entretanto, nem sempre é conhecida do grande público – ou mesmo dos profissionais – e isso se estende a uma das áreas mais fascinantes da profissão: a enfermagem pediátrica.

Uma pequena história

Desde o início da enfermagem moderna, há uma preocupação com os cuidados com a infância e a adolescência. “Em seu livro *Notas sobre a enfermagem*: o que é e o que não é, Florence Nightingale dizia que, com medidas e normas para a preservação das boas condições sanitárias nas habitações, as crianças não precisariam passar por ‘epidemias infantis’”, explica a Dra. Semiramis Melani Melo Rocha, professora da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP (Universidade de São Paulo) e do Departamento de Enfermagem da UFScar (Universidade Federal de São Carlos). “Os cuidados recomendados

não se restringiam às crianças hospitalizadas [...]. Florence, assim, lançava os fundamentos da enfermagem pediátrica”.

A visão da criança como sujeito que requer cuidados específicos vem desde o final do século 18, e, ao longo do século 19, recebeu importantes contribuições do médico alemão Abraham Jacobi, contemporâneo de Florence e considerado o pai da pediatria. Foi apenas na década de 1940, porém, que a enfermagem pediátrica constituiu-se como especialidade.

No Brasil, o cuidado com a criança na enfermagem remonta à criação do Departamento Materno-Infantil na

Escola Anna Néri, fundada em 1923, no Rio de Janeiro.

No entanto, coube à Escola Paulista de Enfermagem, atual Departamento de Enfermagem da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo), a criação, em 1973, do Departamento de Enfermagem Pediátrica, que possibilitou o surgimento do Curso de Especialização em Pediatria e Puericultura, primeiro do gênero do país – e que atualmente tem o nome de Curso de Especialização em Enfermagem Pediátrica e Neonatal. A mesma escola criaria cursos de mestrado e doutorado na área, em 1978 e 1986, respectivamente.



Versatilidade a toda prova

Hoje, o enfermeiro pediatra caracteriza-se pela versatilidade em lidar com pessoas inseridas em um ciclo de vida extenso, compreendido entre o zero e os 18 anos e por conhecimentos que vão da psicologia infantil à nutrição.

“O enfermeiro pediatra deve ter profundo conhecimento sobre o processo de crescimento e desenvolvimento da criança e do adolescente, as necessidades próprias de cada faixa etária, as influências das doenças na vida da criança, do adolescente e da família, conhecer a legislação de proteção à criança e ao adolescente, saber utilizar técnicas de comunicação apropriadas e ter competência e habilidades para a realização de procedimentos e utilização de tecnologia entre outros conhecimentos”, elenca a Profa. Dra. Conceição V. da Silva, presidente da SOBEP – Sociedade Brasileira de Enfermeiros Pediatras, entidade que, desde 2001, edita a Revista da SOBEP, direcionada aos profissionais da especialidade.

É na aplicação cotidiana desse conhecimento, porém, que reside o encanto da enfermagem pediátrica. “Trabalhar junto à criança, adolescente e família faz com que você se torne um ser humano melhor”, diz a Dra. Sônia Regina Pereira, chefe da disciplina de Enfermagem Pediátrica do Departamento de Enfermagem da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo).

“A criança chorava muito, e as mães não podiam entrar, só podiam olhar pelo visor da porta por uma hora, três vezes por semana”.

Construindo vínculos

Sônia recorda que, no início de sua carreira, há mais de 30 anos, trabalhar com crianças na enfermagem era visto como castigo. “A criança chorava muito, e as mães não podiam entrar, só podiam olhar pelo visor da porta por uma hora, três vezes por semana”.

A rigidez era justificada pelo medo da infecção cruzada: acreditava-se que liberar a visita dos pais facilitaria a transmissão de doenças.

O conceito caiu por terra ao ser comprovado que boa parte das transmissões ocorria a partir dos profissionais de saúde, pela falta de procedimentos de assepsia. Ganhou-se flexibilidade, acompanhada pela maior importância dada ao vínculo afetivo entre criança, família e enfermeiro. “De certa forma, o enfermeiro faz um trabalho de ‘psicólogo’ com a mãe e o filho”, diz a Dra. Semiramis Rocha. “É importante o enfermeiro ter um bom relacionamento com a família da criança, pois há uma grande demanda gerada pelas necessidades do familiar acompanhante[...] A enfermagem estabelece um vínculo mais permanente com este familiar, até

porque a gente permanece 24 horas com a criança e compartilha todo o processo de cuidado”, completa a enfermeira Maria Isabel Costa Melo, diretora do Serviço de Enfermagem Pediátrica do Hospital das Clínicas da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas).

Atualmente, além das visitas regulares de parentes, a legislação brasileira, por meio do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), garante a permanência de um acompanhante em tempo integral durante o tratamento da criança em hospital e clínica. Nesse caso, o enfermeiro pediatra acaba por atuar também no sentido de promover mais conforto para essa pessoa. “A família é importante [...] Alguém tem de estar ao lado da criança”, diz a Dra. Sônia Regina. Sônia destaca que, majoritariamente, o papel de acompanhante é exercido pela mãe, mas “Você tem histórias de pais desempregados e mães que trabalham, por exemplo, e quem acaba acompanhando é só o pai. Socialmente, a grande maioria dos acompanhantes é mulher, mas você já tem a participação do pai ou conjunta e também uma divisão do cuidado”.

A importância do vínculo familiar junto aos pequeninos deu impulso ao desenvolvimento da chamada enfermagem da família (*family nursing*). “É uma abordagem que envolve três modalidades: o indivíduo na família; a própria família, em si; e a família na comunidade, a intervenção usando os recursos comunitários”, explica a Dra. Semiramis. “Com o Programa Saúde da Família [Nota do redator: instituído em 1994 pelo Ministério da Saúde], existe uma tentativa de estimular esse tipo de enfermagem, que também é mais preventiva, e a volta da enfermeira fazendo consultas”, explica a Dra. Sônia. “Mas ainda há um paradoxo. No Brasil, predomina a enfermagem curativa, e, na curativa, você ainda não consegue atender a família porque não há infra-estrutura, apesar de ocorrerem tentativas nesse sentido”, diz.

Razão e emoção

Certo, a família é importante, mas como se dá a relação do enfermeiro com a própria criança ou o adolescente? O que dá o tom muitas vezes é a sensibilidade. “Além da necessidade de desenvolver habilidades para atender, ao mesmo tempo, um bebê e um adolescente, é preciso investir no auto-conhecimento, pois essa especialidade mobiliza muito as nossas emoções”, diz a enfermeira Maria Isabel, para quem “é fundamental ter características pessoais como empatia, tolerância, concentração, responsabilidade, cordiali-

dade e flexibilidade”. Para a Dra. Sônia, “Não é só gostar de criança, tem de haver um compromisso”. O coração atua em conjunto com técnicas específicas utilizadas na enfermagem pediátrica. “Trabalha-se, por exemplo, a sensibilidade à dor no recém-nascido. Há técnicas que o enfermeiro utiliza para identificá-la”, diz a Dra. Semiramis. “Outra abordagem é o Teatro Clown [Nota do redator: tipo de teatro com palhaços], que ajuda

muito na terapêutica de crianças com doenças crônicas graves, como o câncer. Trata-se de elaborar um diagnóstico, uma consulta, por meio da interpretação. Este é um treinamento feito pelo pessoal de artes cênicas”, completa, ressaltando que muitas vezes há um psicólogo que faz o papel de ator.

Percebe-se, deste modo, que a abordagem multidisciplinar é muito importante. “Há muito trabalho coletivo, com esportes, músicas, jogos,

COMO É A ESPECIALIZAÇÃO EM ENFERMAGEM PEDIÁTRICA

Os enfermeiros pediatras, geralmente se especializam de acordo com a faixa etária do paciente



- ★ Recém-nascidos: 0 aos 28 dias
- ★ Crianças com idade pré-escolar: 28 dias aos 6 anos
- ★ Crianças com idade escolar: 7 aos 11 anos
- ★ Pré-adolescentes: 12 aos 13 anos
- ★ Adolescentes: 15 aos 18 anos

objetos lúdicos, promoção e informação sobre saúde”, explica ainda a Dra. Semiramis. Muitas vezes, há também acompanhamento escolar, dado por professores e pedagogos. A Dra. Sônia Regina chama a atenção também para o uso dos brinquedos. “Hoje em dia, há espaço para a criança brincar [...] A enfermeira tem de ser lúdica, assim como a equipe, e utilizar o brinquedo lúdico e o terapêutico. No lúdico, a criança vai se colocando, espontaneamente, e você lê o que ela está ‘dizendo’. No terapêutico, você, por meio da brincadeira, explica para ela como será o procedimento. Ela manipula cateteres, esparadrapos, algodões, agulhas de brinquedo, perdendo ou minimizando seus medos com relação aos procedimentos a que devem ser submetida”, explica. Os desenhos também são importantes para crianças na faixa dos 5-6 anos, e os jogos são muito utilizados com o público pré-adolescente e adolescente. No caso específico deste último, o enfermeiro pediatria também tem de ser sensível para lidar com questões fortemente ligadas à sexualidade, como as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez precoce. Além disso, com o crescimento do número de unidades de terapia intensiva infantil e da sobrevivência dos bebês prematuros, aumenta a necessidade de o enfermeiro pediatria atualizar-se constantemente. Áreas como a puericultura e a pediatria social – que dão ênfase ao acompanhamento da saúde da criança e à sua inserção na comu-

nidade, respectivamente – ganham destaque.

Pedras no caminho

Contudo, apesar de todo o encanto e do crescimento em importância, ainda são poucos os enfermeiros com formação específica em pediatria, segundo a Dra. Conceição V. da Silva, presidente da SOBEP. Outra dificuldade é que, no Brasil, a enfermagem pediátrica ainda carece de produção científica.

Segundo a Dra. Seiko Kakehashi em sua tese *Enfermagem pediátrica brasileira: produção científica de 1932 a 1995* (USP, 1998), foram publi-

cados apenas 435 artigos sobre enfermagem pediátrica nesse período. A escassez é confirmada pela Dra. Conceição: “De 1930 até agora, foram publicados pouco mais de mil artigos sobre criança e adolescentes em diferentes periódicos”, diz.

A enf. Maria Isabel chama ainda a atenção para as deficiências na formação de técnicos e auxiliares: “Ainda há uma porcentagem de carga horária pequena destinada à formação em pediatria na grade curricular dos cursos [...] Os técnicos e auxiliares entram no mercado de trabalho [...] com pouca habilidade técnica para exercer os procedimentos em enfermagem pediátrica”.

Vale a pena?

Mas, afinal, compensa todo o esforço requerido pela especialidade? Com a palavra novamente a Dra. Sônia Regina: “Muito mais do que falar, é saber ouvir, escutar gestos, expressões, balbucios e, às vezes, nem isso [...] É um sentido profundo de responsabilidade com o futuro, pois é nele que encontraremos as crianças de agora [...]”

“Eu me apaixonei pelo serviço [...] Nossa profissão não pode ser medida em termos de sucesso, quantitativamente, mas pelas lembranças boas, aquilo que a criança lembra de você. Há muitos anos, por exemplo, um menino brincou com a espingarda e ficou com um dedo da mão semi-amputado. Ficou internado de 5 a 6 dias, foi uma loucura. Há três anos, levei minha filha a um baile de Carnaval. Vem um rapaz alto, olha pra mim e diz: ‘A senhora não é a ‘Tia’ Sônia?’”. Ele me contou a história – e já havia passado mais de 25 anos!”, diz emocionada.

“Já aconteceu, sim, de eu achar que era melhor para a criança partir. Nesses casos, a criança comove mais pelo futuro, pelo que ela podia ser, mas não será. Entretanto, ela é agora. [...] Eu tenho de cuidar da criança enquanto ela está comigo. Esse momento tem de valer a pena”, finaliza. ●